

# Resumo de notícias econômicas

13 de julho de 2021 (terça-feira)

Ano 3 n. 130

Núcleo de Inteligência da Sedet



**CEARÁ**  
GOVERNO DO ESTADO  
SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO  
ECONÔMICO E TRABALHO

# **PRINCIPAIS NOTÍCIAS DE POLÍTICA ECONÔMICA: 13 DE JULHO DE 2021**

## **Com inflação, arrecadação dos Estados cresce R\$ 45 bi**

### **O Estado de S. Paulo**

Nos cinco primeiros meses do ano, a arrecadação do ICMS pelos Estados superou em R\$ 45,1 bilhões o resultado obtido no mesmo período de 2019, antes da pandemia. Com os preços em alta, os Estados arrecadam mais porque o ICMS é cobrado a partir de uma base de cálculo maior. Os dados reunidos pela Federação Brasileira de Associações de Fiscais de Tributos Estaduais (Febrafite), com base nas notas fiscais eletrônicas emitidas – refletem o boom internacional de alta das commodities. Como há restrições legais ao aumento de despesas obrigatórias até o fim de 2021, a tendência é de que os Estados usem os recursos em 2022, ano eleitoral. O risco, segundo especialistas, é de que os governadores usem essa sobra para elevar despesas permanentes, como salários de servidores. A arrecadação do governo federal também cresceu: R\$ 96 bilhões em relação a 2019 e R\$ 156 bilhões sobre 2020.

Como há restrições legais ao aumento de despesas obrigatórias até o fim de 2021, a tendência é de que os Estados usem o caixa mais cheio no ano que vem, quando governadores querem mostrar serviço em ano de eleições após os tempos difíceis da pandemia. Um dos riscos é que os governadores usem essa sobra para aumentar despesas permanentes em 2023.

Até maio, a arrecadação do ICMS, tributo estadual e principal fonte de receita dos governadores, alcançou R\$ 250 bilhões, com alta real (acima da inflação medida pelo IPCA, índice oficial) de 11%. Sobre 2020, quando a pandemia derrubou a arrecadação, as receitas deste ano subiram R\$ 50,6 bilhões, aumento de 16%.

Puxado pelo boom internacional de alta das commodities, Mato Grosso, que é produtor de alimentos, está no topo da lista dos Estados com maior crescimento da arrecadação do ICMS, 41,2% nos primeiros cinco meses do ano. O Estado de São Paulo, a maior economia do País, arrecadou 8,7% (R\$ 12 bilhões) a mais em comparação a 2019, chegando a R\$ 72 bilhões.

A recuperação da arrecadação dos Estados acompanha também a arrecadação do governo federal, que já cresceu R\$ 96 bilhões em relação a 2019 e R\$ 156 bilhões sobre o resultado do ano passado nos primeiros cinco meses do ano.

“Olhando para o aspecto político, a tendência é os governadores fazerem caixa para gastar em 2022, que é ano de eleição”, prevê o presidente da Febrafite, Rodrigo Spada. Segundo ele, 2022 é um ano em que os governadores querem ter um caixa mais elevado e vão procurar entregar obras no primeiro semestre. Spada diz que os Estados vão procurar guardar o caixa porque a Lei Complementar 173 (que estabeleceu as regras para o socorro federal às unidades da federação) proíbe o aumento de despesas obrigatórias até o fim deste ano e ainda congelou os reajustes salariais dos servidores públicos da União, dos Estados e dos municípios.

Estados e municípios já contrataram reajustes para o ano que vem. Além das cidades de São Paulo e Manaus, pelo menos sete Estados deram reajustes ou abriram caminho para aumentos ao funcionalismo neste ano, apesar da restrição legal. Spada alerta, porém, que não há certeza de que os Estados estejam saindo da crise porque essa recuperação da arrecadação é decorrente do aumento da inflação, sobretudo do IGP-M. Ele ressalta que, apesar do incremento das receitas, o número de notas fiscais emitidas não aumentou em 2021, na comparação com 2020. O presidente da Febrafite pondera que é uma arrecadação que decorre da inflação, o pior “imposto” que existe para a população de baixa renda. Ele lembra que com a inflação mais salgada as despesas dos Estados também crescem. O ICMS é um dos principais termômetros da atividade econômica porque a empresa vende num mês o produto e já no começo do mês seguinte tem de fazer essa apuração e recolher o imposto.

Especialista em contas dos Estados e consultora da Febrafite, a economista Vilma Pinto avalia que essa melhoria na arrecadação é temporária e não estrutural, por causa do ciclo de commodities e efeito inflacionário relevante. “Será arriscado e temerário fazer aumento de gastos obrigatórios”, diz ela, em razão de duas novas legislações, que exigem mais contrapartidas de ajuste nas contas dos governadores. Vilma assume a direção da Instituição Fiscal Independente (IFI). Já Ana Paula Vescovi, ex-secretária do Tesouro, alertou que a percepção positiva do ciclo temporário de alta dos preços de commodities pode ensejar uma visão de mais sobra para gastos do que

realmente o País tem. “O risco é o caixa mais cheio do governo federal, Estados e municípios se transformar em despesas permanentes logo adiante”, disse Vescovi, que é economista chefe do Santander.

## **Emissões ESG de empresas do Brasil superam US\$ 6 bi**

### **Broadcast**

As companhias brasileiras estão gradativamente aumentando suas dívidas em títulos (bonds) com metas de desempenho relacionadas a compromissos ambientais, sociais e de governança (ESG, em inglês). Desde setembro de 2020, quando a Suzano levantou US\$ 750 milhões em Sustainability Linked Bonds (SLB) com a promessa de reduzir emissões de gases de efeito estufa, outras sete empresas brasileiras foram ao exterior com operações semelhantes. O total emitido pelas brasileiras nessa modalidade no exterior soma US\$ 6,325 bilhões. Praticamente todas estão seguindo a cartilha da ONU de compromissos de sustentabilidade, alinhada à meta de redução da emissão de gás efeito estufa de acordo com o Acordo de Paris.

Em janeiro, optaram pelos SLBs, a Movida, a Simpar, a Klabin e a FSBioenergia. Juntas, elas captaram US\$ 1,675 bilhão com compromissos de redução de emissões. De abril até junho, US\$ 3,4 bilhões foram emitidos em papéis desse tipo no exterior por Natura, Iochpe-Maxxion, JBS e Suzano. A Suzano deu um novo passo em sua captação mais recente de US\$ 1 bilhão em SLBs, no fim de junho. Além de uma nova meta para reduzir o impacto ambiental de sua atividade, incluiu compromissos de inclusão, com a promessa de elevar de 16% para 30% a presença de mulheres em cargos de liderança até 2025.

No exterior, a italiana Enel levantou US\$ 4 bilhões em títulos SLB. A emissão representa a maior transação vinculada à sustentabilidade já precificada no mercado de renda fixa, assim como a maior operação financeira de renda fixa sustentável do ano até hoje por um emissor corporativo. O interesse dos investidores fica claro na demanda que a companhia obteve na operação, de US\$ 12 bilhões. Em junho, a Enel já havia emitido 3,25 bilhões de euros em SLB.

## **Investimentos em projetos de geração distribuída no Brasil**

### **Broadcast**

A gestora norte-americana de investimentos em energia renovável Energea Global recebeu um financiamento de R\$ 135 milhões do BTG Pactual para construção de projetos de geração distribuída no Brasil. O foco é a construção de usinas solares em Minas Gerais para distribuição a residências e pequenas e médias empresas.

## **Inovações Financeiras no Mercado Imobiliário**

### **Broadcast**

A Stark, butique digital com foco em empresas de médio porte que faz o “match” entre investidores em busca de novos negócios e proprietários que querem vender os seus, está em estágio avançado de conversas para adquirir uma fintech, negócio que deve ser fechado em até dois meses. A ideia é oferecer aos clientes soluções financeiras e de crédito corporativo, como operações de “sale e leaseback”, em que a empresa vende o imóvel que ocupa e o aluga em seguida, para fazer caixa, ou emissões de renda fixa.

A Stark percebeu que antes de decidir vender a empresa, o proprietário recorre a crédito cinco ou seis vezes, e enxergou uma possibilidade de faturar mais. A meta é chegar a R\$ 10 milhões em receita neste ano. Se a nova área der certo, a cifra pode triplicar em 2022.

Em movimento paralelo, a Stark vai buscar parcerias com escritórios regionais de aquisições ou assessoria financeira para empresas para aumentar sua capilaridade. O modelo será de sociedade, e já há conversas com três escritórios.

## **A mais grave e mais longa crise da aviação**

### **Broadcast**

O resultado de maio para as companhias aéreas em todo o mundo foi um pouco melhor do que o de abril. Mas isso nem de longe significa que as dificuldades do setor, um dos mais duramente atingidos pela crise econômica provocada pela pandemia de covid-19, estejam dando sinais de que estão passando. A demanda global

de passageiros em maio deste ano foi 62,7% menor do que a de um ano antes, o que representa um ganho em relação à demanda de abril, que foi 65,2% menor do que a do mesmo mês em 2020. São números da Associação Internacional de Transporte Aéreo (Iata, na sigla em inglês).

Mas, como ressaltou o diretor-geral da Iata, Willie Walsh, em entrevista ao Estado (8/7), “é bom colocar as coisas em contexto”. A indústria aérea mundial enfrentou crises severas neste século. Em 2001, sua receita diminuiu 6,4%, queda considerada muito forte na época; na crise financeira de 2009, a perda foi de 16,5%. Nada disso se compara com o impacto da crise atual. “É uma escala completamente diferente”, disse Walsh, lembrando que, na pandemia, a perda de receita alcançou 56%. Além de muito mais intensa, esta crise está sendo bem mais longa.

O relatório da Iata observa que a pequena melhora de maio em relação a abril não encobre o fato de que o tráfego aéreo continua bem abaixo dos níveis que se observavam antes da pandemia. O resultado de maio é 85,1% menor do que o de maio de 2019. Assim, o nível de operação corresponde a apenas 15% do que se registrava num ano normal.

Não é de estranhar que as dívidas das companhias aéreas tenham aumentado em US\$ 220 bilhões desde a pandemia, alcançando atualmente cerca de US\$ 650 bilhões. E continuam aumentando. Muitas companhias “estão queimando caixa”, como diz Walsh, para manter suas operações. Ele estima, por isso, que a dívida total chegue a US\$ 700 bilhões até o fim do ano. E levará tempo para a normalização. “Acreditamos que voltaremos aos níveis que tivemos em 2019 provavelmente em 2023 ou 2024”. A Iata afirma que a recuperação das viagens internacionais continua prejudicada pelas restrições a viagens impostas pelos governos. Mas há sinais que alguma coisa começa a melhorar, com a gradual abertura dos mercados para passageiros vacinados. A abertura, porém, tem sido lenta.

## **Terras atingem maior preço em 20 anos**

### **O Estado de S. Paulo**

Fazia dez anos que o produtor e agrônomo Guilherme Pinezzi Honório, dono da agropecuária Agro Oeste, da região do Vale do Araguaia, em Mato Grosso, não

comprava terras. Com 11,3 mil hectares com soja, milho, gergelim e pastagens, decidiu expandir o negócio em março. Adquiriu duas áreas de pastagens: com 750 hectares e 2,5 mil hectares em Serra Nova Dourada e São Félix do Araguaia (MT).

Honório foi às compras quando as terras atingiram a maior cotação em 20 anos. A alta foi de quase 18% nos preços médios em 12 meses até abril, segundo a consultoria IHS Markit, que acompanha o mercado de terras desde 2001. “Paguei 25% a mais do que pretendia, mas achei que seria o momento de comprar para não ter de pagar ainda mais caro no futuro”, diz Honório. Ele já tinha planos de expandir a área e diz que não foi levado pelo efeito “manada”. O produtor considera que o momento permitiu a decisão porque os seus produtos – soja, milho e bovinos – estão muito valorizados. Além disso, com o juro básico (a Selic) ainda abaixo de um dígito, ele conseguiu obter crédito para custeio com despesa financeira menor. Assim, pode usar os recursos próprios para comprar terras.

Juro baixo, demanda crescente por grãos e carnes e dólar em alta criaram um cenário perfeito para a forte valorização das terras. Leydiane Brito, responsável pela pesquisa, observa que o mercado de terras estava estagnado desde 2014. Com o boom das commodities em 2020 e avanços na infraestrutura, como a pavimentação da BR163, no Centro-Oeste, os negócios voltaram a acontecer e o preço da terra subiu. “Todas as terras aumentaram de preço”, diz o consultor André Pessoa, sócio da Agroconsult. Mas ele observa que restrições ambientais que dificultam a abertura de áreas provocaram valorização maior em regiões maduras de produção.

Segundo a pesquisa, a maior alta ocorreu nas terras para grãos, as mais caras, que aumentaram quase 30% em 12 meses até abril na média do País. Na sequência, estão as áreas para café e florestas plantadas, cujos preços tiveram elevação de 14% no período, seguidas pelas pastagens (11,5%) e cana (10%). Com agronegócio consolidado, o Paraná é o Estado com o hectare mais caro para grãos, valendo, em média, quase R\$ 50 mil. Em Cascavel (PR), o valor varia de R\$ 80 mil a R\$ 100 mil.

Rondonópolis e outras cidades de Mato Grosso, como Tangará da Serra e Sinop, lideram o ranking de alta, com avanços de 60% a 70% em 12 meses nas terras para grãos. Mato Grosso também aparece na dianteira nas pastagens, com alta de 81% no valor do hectare em 12 meses. De 30 municípios com maior valorização de terras para

grãos e pastagem, Mato Grosso lidera com mais da metade das cidades. “O que a gente tem observado são produtores investindo em áreas de pastagens degradadas para transformá-las em lavoura”, afirma Leydiane.

Mauro Melo, sócio da imobiliária Fazendas Mato Grosso, conta que as terras mais procuradas para compra neste momento estão em Mato Grosso, Tocantins, oeste da Bahia e Pará. A razão é que nessas regiões há áreas de pasto que podem ser transformadas em lavouras por um custo menor. Quem procura terras são os grandes grupos agropecuários, diz o corretor. Mas há empresários da indústria e do comércio que estão aplicando as sobras de caixa no agronegócio. “Chegou também dinheiro de fora com um sócio brasileiro.”

O boom de compra e venda de terras começou com a pandemia, explica Melo. A sua imobiliária, por exemplo, que normalmente vendia entre 15 e 20 fazendas por ano, chegou a fechar 30 negócios em seis meses. “Até me espantei, foi o maior aumento no volume de negócios nos últimos 20 anos.” Ele pondera que hoje o mercado continua aquecido. Essa também é a avaliação de Luciano Borges, sócio da Borges Imóveis, atuante em Mato Grosso, Goiás, Pará e Tocantins. Com os preços nas alturas, ele conta que nos últimos meses compradores recuaram. Segundo Borges, houve redução no prazo de pagamento. Antes do boom era possível quitar em até sete anos. “Hoje, no máximo são três.” O prazo encurtou, pois, quem vende, teme não conseguir adquirir nem uma área equivalente à vendida.

## **Minioperadoras buscam R\$ 10 bi na B3**

### **Broadcast**

A digitalização que caminhou a passos largos, ao longo de mais de um ano de pandemia, começou a tirar do papel os investimentos realizados por provedores independentes de internet, que ficaram cada vez maiores no interior do Brasil. Em um mercado muito pulverizado – são mais de 5 mil operadoras no País –, algumas dessas micro-operadoras tomaram a posição de consolidadoras, com planos agressivos de expandir suas redes de fibra óptica.

Com esse planejamento embaixo do braço, um grupo de negócios deve buscar recursos na Bolsa de Valores, com ofertas de ações com potencial de girar cerca de R\$

10 bilhões. Distante das capitais onde Vivo, Tim, Oi e Claro dominam os serviços de internet, as pequenas e médias operadoras avançaram pelo Brasil. O ganho de participação de mercado foi rápido, visto que desde cedo elas começaram a investir em fibra óptica, tecnologia que garante mais velocidade e qualidade na conexão. De acordo com dados da Anatel, 41,5% dos acessos da banda larga no Brasil são feitos por meio de pequenas e médias operadoras. No recorte do acesso por fibra, a participação no mercado é ainda maior: chega a 60%.

Dentre as empresas que já estão avançadas no processo para realizar um IPO, estão as provedoras regionais Brisanet, Desktop, Unifique e Vero – do fundo Vinci Partners.

A aposta do mercado é que ainda abram capital mais à frente a America Net e a Sumericity, do fundo EB Capital, que está trabalhando na consolidação desse mercado (mais informações nesta página). Abocanhando a fatia onde as grandes não tinham conseguido chegar, em um país de dimensões continentais, essas empresas querem levantar recursos para crescer com uma oferta em ações – o que há algum tempo era exclusividade de grandes companhias.

Na Bolsa brasileira, por exemplo, todas as grandes são listadas, com exceção da mexicana América Móvil, dona da Claro, que já está incluída na Bolsa mexicana e na de Nova York. “Essas operadoras têm registrado um crescimento muito forte nos últimos três a quatro anos. Elas começaram lá atrás usando acesso via rádio e depois optaram em investir por fibra. Começaram pequenas e agora passam por um movimento forte de consolidação”, explica o presidente da consultoria Teleco, Eduardo Tude.

Entre os 5.570 municípios brasileiros, essas empresas são líderes de mercado em 4.306 (77%). “Agora, elas estão buscando recursos para comprar as menores”, afirma Tude. Dentre as grandes operadoras, segundo ele, quem deveria ter presença grande no interior é a Oi. Mas, por causa das dificuldades financeiras, a empresa atrasou seus investimentos; hoje, em recuperação judicial e vendendo ativos, passou a investir em fibra.

Apontada como a maior nesse grupo de operadoras independentes, a Brisanet tem cerca de 700 mil clientes, espalhados por 96 cidades no Nordeste, conforme informações do prospecto da sua oferta inicial de ações. A operação está planejada

para ocorrer ainda neste ano e pode movimentar cerca de R\$ 2 bilhões. “A companhia vem crescendo sua base de assinantes, em termos compostos em mais de 60% nos últimos três anos, ganhando mercado tanto de empresas locais quanto das grandes operadoras e se consolidando como uma das principais empresas de banda larga fixa do País, alcançando diversas cidades de maior porte, incluindo capitais”, diz, no documento. Em 2020, a companhia registrou um faturamento líquido de R\$ 471,8 milhões, ante R\$ 43,1 bilhões da Vivo, R\$ 18,7 bilhões da Oi e R\$ 17,2 bilhões da Tim.

Para o professor e coordenador de Tecnologia da Informação e Inovação Digital da FGV EAESP, Alberto Luiz Albertin, o cenário demonstra aumento da competição, algo que será saudável para o mercado. Do lado das grandes operadoras, elas terão de decidir se continuarão focadas nos grandes centros ou se vão competir em outras regiões. “A fibra óptica tem melhor desempenho, lógico que não tem mobilidade, é preciso um investimento de infraestrutura inicial, o que explica porque as grandes não estão nos locais mais afastados. As pequenas e médias podem estar lá.”

Com essa digitalização mais acelerada, o ritmo de crescimento das operadoras menores tem sido de 60%. “Estamos falando de um mercado bastante fragmentado, com quase 5 mil empresas, que está crescendo pela fibra óptica”, diz o analista de Tech, Media e Telecom (TMT) da XP, Bernardo Guttmann. Para Albertin, o 5G deve aquecer ainda mais esse setor. “Os pequenos e médios já estão se posicionando para prestar esse serviço e atender as demandas.”

## **Essere Group quer dobrar faturamento com insumos**

### **Broadcast**

Essere Group, de insumos agrícolas, espera mais que dobrar a receita neste ano no País, dos R\$ 141,5 milhões, em 2020, para R\$ 329 milhões. A holding nacional controla a Kimberlit Agrociências, de fertilizantes especiais; a Bionat Agro, de defensivos biológicos; a Loyder, de adubos aditivados; e a Floema Logística. O cenário é positivo para a indústria de insumos, com maior demanda por produtividade e sustentabilidade, diz Luiz Fernando Schmitt, diretor de marketing e novos negócios. “Os três mercados vêm crescendo dois dígitos por ano.” A Kimberlit tem puxado os resultados. Líder em receita, deve faturar este ano R\$ 247 milhões, ante R\$ 126

milhões em 2020. Mas a aposta também está na Loyder, que deve ter três plantas fabris por aqui até 2025. A primeira está em construção em Olímpia (SP) e deve ser concluída em junho de 2022. O grupo atende principalmente soja, milho e cana-de-açúcar. » Aporte. Para sustentar o crescimento, a Essere vai investir R\$ 260 milhões na operação até 2025. A primeira parcela, de R\$ 140 milhões, será aplicada até o fim de 2022. Do montante, R\$ 90 milhões vão para uma nova planta da Bionat, que terá suas linhas de fungos e bactérias quadruplicadas. As obras começarão neste mês. Outra fatia vai para melhorias na produção da Kimberlit (R\$ 15 milhões) e para construção de uma misturadora para a Loyder (R\$ 35 milhões).

A meta da Essere é atingir receita de R\$ 1 bilhão em 2025 e elevar a presença de mercado em todos os segmentos em que atua. Com a Bionat, deve passar do atual 1,2% para 4% do mercado de biológicos; com a Loyder quer 1% de participação em nitrogenados, fosfatados e potássicos aditivados, e, com a Kimberlit, pretende se manter entre as cinco maiores de nutrição vegetal especializada e bioestimulantes. “Também estamos avaliando algumas oportunidades de compra de outras empresas ou tecnologias”, aponta o executivo. » Adiante. Empresa de controle familiar, a Essere aspira abrir o capital em meados de 2025. O primeiro passo foi dado em janeiro deste ano, com a formação da holding para gerenciar as empresas. O próximo é alcançar o primeiro bilhão em faturamento. “Será necessário acessar o mercado de capitais para avançar em investimentos”, prevê Schmitt.

## **Melhorias de Eficiência na EMBRAPA**

### **Broadcast**

A consultoria Falconi está assessorando a Embrapa a melhorar processos na sua sede e tornar a empresa mais ágil nos trabalhos executados com o setor privado. A contratação foi feita pela Fundação Arthur Bernardes (Funarbe), ligada à Universidade Federal de Viçosa (MG), que apoia o desenvolvimento da Embrapa por meio de acordo de cooperação. A iniciativa tem patrocínio da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB).

Celso Moretti, presidente da Embrapa, conta que o projeto dá continuidade à revisão do modelo de operação da estatal. A ideia não é alterar a parte de pesquisa e

desenvolvimento e inovação, e sim as chamadas atividades-meio, como gestão de pessoas, patrimônio, suprimentos e estruturas e governança. A expectativa, segundo Moretti, é atrair patrocinadores para outros estudos que possam contribuir para essa revisão.

***Assessoria de Comunicação – Sedet***

***Fone: (85) 3444.2900***

***[www.sedet.ce.gov.br](http://www.sedet.ce.gov.br)***

## INDICADORES ECONÔMICOS E SOCIAIS

TAXA DE CRESCIMENTO DO PIB				
	2018	2019	2020*	2021**
Ceará	1,45	2,67	-3,56	5,77
Brasil	1,78	1,41	-4,06	4,85

VALOR CORRENTE DO PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) (R\$ MILHÕES)				
	2018	2019	2020*	2021**
Ceará	155.903,82	166.959,80	168.285,73	188.355,17
Brasil	7.004.141,00	7.407.023,57	7.447.858,25	8.263.567,80

PARTICIPAÇÕES PIB (%)				
	2018	2019	2020*	2021**
PIB_CE/PIB_BR	2,23	2,25	2,26	2,28
Participações População (%)	4,35	4,35	4,34	4,33

Fonte: IBGE e IPECE.

Notas: (\*) Valores estimados, sujeitos a revisão; (\*\*) Valores projetados, sujeitos a revisão;  
Atualizado em 17/06/2021.

CONTAS EXTERNAS (US\$ MILHÕES)				
	2018	2019	2020	2021 (Até junho)
Exportações	2.342,08	2.275,19	1.853,42	1.071,64
Importações	2.534,05	2.357,54	2.413,55	1.540,16
Saldo Comercial	-191,97	-82,35	-560,13	-468,52

Fonte: MDIC

ESTOQUE DO VOLUME DE CRÉDITO				
	2018	2019	2020	2021 (Até maio)
Brasil ( R\$ Tri)	-	3,48	4,02	4,18
Ceará (R\$ Bi)	71,32	76,77	87,14	89,31

Fonte: Banco Central

PRINCIPAIS ÍNDICES				
	2018	2019	2020	2021 (Até maio)
IPCA -BRASIL	3,75	4,31	4,52	3,77
IPCA -FORTALEZA	2,9	5,01	5,74	5,11
INPC	-	4,48	5,45	3,95
IGP-M	7,54	7,3	23,14	15,08

Fonte: IBGE e FGV

MERCADO DE TRABALHO - CEARÁ				
INDICADOR	2018	2019	2020	2021.1
Desocupação (%)	10,1	10,1	14,4	15,1
Nível de ocupação (%)	50,3	50,8	42,8	40,4
População em idade de trabalhar (mil)	7.312	7.410	7.620	7.623
	(100%)	(100%)	(100%)	(100%)
Força de trabalho (mil)	4.088	4.185	3.808	3.631
	(56%)	(56%)	(50%)	(48%)
Ocupada (mil)	3.676	3.762	3.259	3.082
Desocupada (mil)	412	423	549	549
	3.224	3.225	3.812	3.992
Fora da Força de trabalho (mil)	(44%)	(44%)	(50%)	(52%)
Desalentados (mil)	328	358	466	466

Rendimento médio real habitual de todos os trabalhos das pessoas ocupadas (R\$)				
	2018	2019	2020	2021
	1.525	1.685	1.656	1.766

Fonte: IBGE.

ADMISSÕES E DESLIGAMENTOS - CEARÁ		
Indicadores	2020	2021 (Até maio)
Contratações	372.083	182.814
Demissões	358.013	158.869
Saldo de Empregos Gerados	14.070	23.945

Fonte: Novo Caged.

ESTOQUE DE EMPREGO FORMAIS					
REGIÃO/ANO	2015	2016	2017	2018	2019
Ceará	1.542.759	1.443.365	1.464.948	1.471.704	1.509.818
Nordeste	8.899.279	8.436.203	8.543.651	8.647.237	8.683.272
Brasil	48.060.807	46.060.198	46.281.590	46.631.115	47.554.211

Fonte: RAIS/ME

ABERTURA/FECHAMENTO DE EMPRESAS NO CEARÁ				
ESPECIFICAÇÕES	Total do ano			2021
	2018	2019	2020	Até junho
Abertura	69.981	84.948	89.084	55.775
Fechamento	71.796	31501	27.463	17.844
Total	-1.815	53.447	61.621	37.931

Fonte: JUCEC.

PECEM - TOTAL DE MOVIMENTAÇÃO DE CARGA (TONELADAS) - 2018 A 2021					
PERÍODO	Total do ano			2021	
	2018	2019	2020	Junho	Até junho
	17.214.859	18.096.308	15.930.483	1.578.983	10.038.098

Fonte: CIPP.